

profissional, ora o conjunto. Infelizmente, não tivemos contato com nenhuma fachada denominada Lyceu de Uberabinha e nem sabemos se esta existiu.

A respeito da organização da instituição, segundo o relatório de 25 de março de 1942, organizado de acordo com o artigo 18 do decreto n. 20.158 de 30 de junho de 1931,

O mobiliário moderno e os métodos novos de educação ensaiados com sucesso, fizeram do Liceu e Uberlândia instituto de crescente prestígio no seio de Uberlândia. E já no referido ano de 1928, o então secretário da Educação do Governo Mineiro, o atual Ministro Francisco Campos, visitando o educandário, dirigia palavras de elogio e estímulo à obra que tinha apenas alguns meses de vida, mas prenunciava um largo trabalho de preparação intelectual e moral das novas gerações desta região (RELATÓRIO, 1942).

Esse mesmo relatório oferece uma descrição pormenorizada da instituição, (BENCOSTTA, 2005) no que diz respeito a: data e histórico da fundação; localização e descrição do edifício incluindo os sete pavilhões; Inventário do mobiliário; valor do patrimônio; propriedade e direção; relação dos professores; subvenções; regalias (não tinha nenhuma lei municipal, estadual ou federal que favorecesse o estabelecimento); histórico da fiscalização; cursos existentes; internato; externato; curso diurno; curso noturno; turnos; estatística dos alunos por curso e ano (não acompanha o relatório); relação dos alunos por curso e ano (não acompanha o relatório); relação dos alunos ouvintes e gratuitos (não havia alunos ouvintes, e não acompanha o relatório a relação dos gratuitos); organização dos cursos de comércio; processos de adaptação entre o regime anterior ao decreto; situação dos alunos matriculados no regime anterior; relação dos alunos diplomados; gabinete de Física; laboratório de Química; museu de História Natural; elementos para o ensino de merceologia; biblioteca especializada; Escritório modelo; aparelhos para o ensino de mecanografia; organização de secretaria – arquivos – fichários – estatística escolar dos alunos; exigências de documentação para matrícula; livros de matrículas; livros de atas de exames; livros de atas das congregações; livros de frequência e médias; Diários de classe; Horários; livros das vistas dos fiscais; regularidade do período letivo; programa completo das cadeiras existentes; execução dos programas; número de aulas por semana; exames de admissão; arguições e exercícios; provas parciais; provas finais; processo de apuração das médias e os resultados finais; métodos pedagógicos; relação dos compêndios adotados em todas as disciplinas; métodos diretos no ensino de línguas; aplicação de testes, nas provas e no ensino diário; regime disciplinar; regimento interno; taxas cobradas; aplicação do regulamento do selo; modelos de formulários diversos; clubes, diversões e similares; impressões gerais sobre os métodos adotados; alunos moradores na localidade; principais atividades agrícolas, pastoris e

fabris no município; profissões da maior parte dos alunos; tendências profissionais dos alunos; a atividade dos diplomados depois da conclusão dos cursos; plantas do edifício e fotografias; e, por último, relação das medidas recomendadas para sanar as irregularidades encontradas.

Infelizmente, vários itens abordados neste relatório continham anexos, que foram extraviados, os quais nos dariam subsídios de nos adentrar na escola. Dessa forma, a pesquisa teria um caráter mais endógeno, do que o proposto nesta.

Como anunciamos no segundo capítulo, a fiscalização dos estabelecimentos de ensino era rigorosa, pois a presença do inspetor era constante.

Constantemente, vinha um inspetor de Belo Horizonte fazer a inspeção na área de ensino e também na contabilidade e existia também um inspetor designado pelo governo (Dr. Ademar de Freitas), que morava aqui. Havia também o inspetor da saúde. Papai zelava com rigor as leis e normas de ensino (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

Na segunda ilustração, acompanhada da descrição do inspetor, notamos o zelo percebido pelo relator.



Figura 6 – Pátio do Liceu de Uberlândia

Fonte: 40ª Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia (1950).

No item propriedade e direção, a instituição é referida como de propriedade de Milton Porto, mas em nenhum documento encontrado, nem nas entrevistas encontramos vestígios de

como aconteceu essa transferência: Mário para Nelson, e posteriormente para Milton Porto. Não sabemos como foi efetivada essa transmissão do patrimônio, mesmo que o prédio tenha sido alugado até 1937, havia custos e não os encontramos em nenhum documento.

Cinco itens do relatório são destinados às avaliações da escola: Exames de Admissão; Argüições e exercícios; Provas Parciais; Provas Finais e Processo de apuração das médias e os resultados finais.

Os exames de admissão eram realizados em duas épocas. Na primeira época, dezembro, para os alunos que fizeram os cursos de admissão na escola. Em fevereiro, segunda época, para os alunos de fora e/ou os alunos do Liceu que perderam a primeira data. As argüições e exercícios também eram avaliados, sem datas específicas. As provas parciais e finais estavam sob um rigor tamanho. Entendemos que os exames eram aplicados sob a fiscalização do inspetor e em prazos determinados. No último item, processo de apuração das médias e os resultados finais, temos a informação de que este era realizado conforme as prescrições circulares e portarias da Educação, mas como não as temos para analisá-las, não possuímos condições de nos aprofundar, mesmo porque não é este o nosso objetivo.

Os métodos pedagógicos adotados nas cadeiras mais típicas, ou seja, nas disciplinas, revestiam-se de acentuado cunho prático com o método direto (não conhecemos), segundo o relatório, “requisito fundamental para um sucesso garantido na vida cotidiana” (RELATÓRIO, 1942). Esse viés prático já era característico dos cursos profissionalizantes: “aprender fazendo” e elogiado pelo inspetor.

A minha impressão quanto aos métodos de ensino adotados na Academia é satisfatória. Como já tive oportunidade de mencionar há completa moralidade na realização das provas parciais e finais. O ensino é suficiente, e é ministrado por um corpo docente recrutado dentre os mais capazes elementos do magistério local. É significativa a percentagem de aproveitamento dos estudantes desta escola (RELATÓRIO, 1942).

A questão disciplinar era tratada segundo o relatório (1942). Baseava-se no respeito à personalidade do aluno, traços de características escolanovistas.

O regimen disciplinar é baseado no respeito à personalidade do aluno e procura não torna-lo autômato por temor ou por qualquer outro meio externo que o despersonalise. O castigo só é aplicado quando são esgotados todos os meios suasórios.

A filha caçula, Maria Lúcia Porto Rodrigues da Cunha, confirma esta passagem.

Acho que o que ajudou muito o papai foi o regime do colégio Salesiano, onde ele estudou. A bagagem que ele adquiriu lá imprimiu no colégio. Ele cobrava muito a pontualidade. Era um rigor, mas não um temor. Era uma coisa tão agradável, que os alunos se sentiam bem. Só pelo exemplo, ele já ensinava os alunos, conquistava os alunos, dentro de uma amizade muito grande. Tinha uma amizade muito grande entre todos os professores (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

E acrescenta:

O papai pra corrigir um aluno, nunca chamou a atenção do aluno, ele ensinava pelo exemplo, com aquela diplomacia. Os alunos morriam de medo de conversar com ele, porque tocava tão fundo. Numa diplomacia, num respeito. Conversando, ele conseguia fazer, todos adoravam, porque mesmo sendo chamado atenção, sempre aprendia alguma coisa (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

Embora não pesquisemos o ensino técnico profissionalizante, não podemos ocultar que no relatório de 1942 o serviço de secretaria da instituição foi exaltado por ser completo. Havia um controle da vida escolar dos alunos, permitindo a qualquer momento a verificação pela inspetoria. A secretaria servia de exemplo de escritório modelo, até para outras instituições escolares no município. Portanto, em 1942 o ensino profissional, tão privilegiado neste relatório, estava no ápice, preconizando as reformas Capanema.

Conseguimos entrevistar dois ex-alunos que também foram ex-professores. São eles, Arcelino Pereira dos Santos e Rondon Pacheco. Notamos que as falas destes eram bastante saudosistas. Ao ser perguntado qual a razão da família escolher o Liceu para fazer o curso de admissão, o segundo entrevistado nos relata,

Porque era uma escola muito bem conceituada e, naquele tempo, Uberlândia não dispunha de estabelecimentos daquele gênero, mas o Liceu era uma escola que nasceu com um ótimo conceito. Os primeiros fundadores já foram lembrados, a figura extraordinária do professor Mário Porto, Milton Magalhães Porto, que foi um dos fundadores, juntamente com o professor Antônio Vieira Gonçalves. E esses eram pioneiros, juntamente com a esposa do Mário Porto. E o Mário lecionava no Liceu e depois veio consolidar a instituição, o professor Milton Magalhães, humanista, veio de Caruaru, Pernambuco e juntamente com seu irmão, Nelson Porto, que era um grande advogado e professor, foram consolidando o Liceu de Uberlândia. Agora, a Escola encontrou um ambiente amadurecido para recebê-la, porque iniciava o curso ginásial em Uberlândia, o tradicional Colégio Estadual de Uberlândia e o Liceu preparavam os alunos para a admissão e havia uma grande deficiência em Uberlândia, materialmente, para a execução do ensino, porque muitos dos alunos que necessitavam do ensino precisavam fazer o curso no semi-internato, as famílias eram famílias de fazendeiros, que residiam na zona rural, em outras cidades do Triângulo Mineiro, então, mandavam seus filhos; então, desde o início, o Liceu de Uberlândia teve o internato e o semi-internato (PACHECO, Rondon, 2006).

O primeiro entrevistado Arcelino Pereira dos Santos (2005), apesar de não estar desde o início das atividades e sim em 1º de maio de 1934 relata que:

Tenho orgulho de falar sobre o Liceu. O Liceu foi fundado em 1928 pelos professores Mário Magalhães Porto e Antônio Vieira (o pai do Vadico) e mais tarde, a Academia de Comércio (1931). Depois veio o irmão dele, Dr. Nelson Porto, em 1929, para assumir a direção, porque o Mário havia sido empossado como diretor do Ginásio Mineiro de Uberabinha. Mas como o Nelson ainda estudava em São Paulo, ficava pra lá e pra cá o Dr. Mário chama o outro irmão dele, o Milton Porto que assumiu a direção mesmo, de 1929 a 1972, quando fechou a escola, pois já estava de idade e muita dificuldade, então resolveu fechar (SANTOS, Arcelino P., 2005).

Mário Porto passou a ser reitor do Colégio Estadual em 1929, mas por causa de suas perspectiva modernas para a época ele se afastou de Uberlândia e foi para o Rio de Janeiro. Existem várias especulações para esta mudança, inclusive de ter sido taxado de comunista.

Os professores e aqueles coronéis falaram que quem saudaria o Governador em 1929, seria o prof. Mário Porto. Escolheram ele como orador principal, pra ir saudar o Governador. Mário disse então a ele: 'Eu sou professor do Ginásio Mineiro, mas desejo ser diretor'. E o Governador Antônio Carlos o nomeou, imediatamente como diretor do Ginásio Mineiro. Aí ele continuou dando aulas, mas com uma filosofia moderna, métodos modernos, melhorando os estudantes. Em 1935, veio o Movimento Comunista no Brasil e ele, como era um professor de idéias elevadas, daqui mesmo dos coronéis que o nomearam, houve uma denúncia de que ele era comunista e estava ensinando o comunismo aos seus alunos. Denunciaram e daí a poucos dias, um colega dele, que morava em Belo Horizonte, o avisou de que estaria se formando um processo contra ele, pra lhe destituir a direção e como professor do colégio, dizendo que ele era comunista: 'Tome providências o mais rápido possível'. Doutor Mário chama o professor Milton e conta o que estava acontecendo. Ele tinha ido arrumar as malas, sem ninguém saber. À noite ele, a esposa, Maria de Lourdes e os dois filhos, Severiano e a Carlotinha foram de carro contratado para o Rio de Janeiro. Chegou no Rio, no dia seguinte, anoiteceu e amanheceu lá, foi pra casa de uma irmã. Contou a história e ela lembrou o seguinte: 'Olha, tem o seu colega de formatura. Pega com ele, que às vezes vocês resolvem isso'. O Mário não era comunista, apenas tinha idéias modernas e seu colega disse que resolveria isso, pois era secretário particular de Getúlio. Então o colega conversou com Getúlio. Tinha força, aí o presidente mandou uma mensagem pro Governador de Minas, proa arquivar o processo de Mário Magalhães Porto. Estava pronto (SANTOS, Arcelino P., 2005).

No mesmo sentido temos mais relatos do acontecido com Mário Porto.

Quando eles chegaram, havia os donos de terras por aqui que não se incomodaram pois, haviam chegado os professores. O ensino aqui começou a despontar, com a expansão do comércio. A cidade viu o tio Mário trabalhando depois o tio Nelson e por último o papai, e quando viram a diferença que o ensino causaria começaram a se sentir incomodados. Eram alunos que faziam cursos, assistiam palestras, filmes no próprio colégio, tinha também diretório acadêmico. Quer dizer, foi uma coisa que revolucionou a cabeça das pessoas daqui. Então o Tio Mário com uma visão progressista, idéias socialistas, começou a ser visto como participante do Partido Comunista. Os intelectuais da época tinham algo em comum. Dr. Mário Faria, Nelson Cupertino, Família Azevedo. Com isso, o governo fez uma relação de nomes dos Comunistas de Uberlândia e entre eles o de papai, (Milton Porto, irmão de Mário Porto). Nessa época o tio Nelson já estava no Rio (CUNHA Maria Lúcia P. R., 2006).

Nessas falas percebemos o poder do coronelato local que ao se sentirem ameaçados não mais acolhem o forasteiro Mário de Magalhães Porto.

Mário passou muitos anos sem vir a Uberlândia. Veio somente para ser paraninfo de uma turma de Contador, ficando aqui uma semana, “mas não deu satisfação de sua vida pra ninguém” (SANTOS, Arcelino P., 2005). “O Mário Porto, quando deixou o nosso Colégio Estadual, para o Rio lecionar, ele assumiu a direção de um dos ginásios mais tradicionais do Rio, lá no Botafogo, o Ginásio Anglo-Americano. O Mário era o diretor” (PACHECO, Rondon, 2006). Quando faleceu em 1950, estava na Presidência da Federação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino das Escolas de Ensino Médio.

Sobre o corpo docente, notamos que a relação de professores, mesmo que excedida ao nosso recorte histórico, são hoje personagens célebres da história da cidade. Várias instituições públicas levaram seus nomes, como: Ederlindo Lanes Bernardes; Luiz da Rocha e Silva; Domingos Pimentel de Ulhôa; Henckmar Borges; Sérgio de Oliveira Márquez; Osvaldo Vieira Gonçalves; entre outros. O memorialista Tito Teixeira reafirma os componentes do professorado.

Em 15 de setembro de 1942, instalou nas dependências do Liceu de Uberlândia, sob sua direção, o Ginásio Osvaldo Cruz, fazendo parte do corpo docente o Dr. Domingos Pimentel de Ulhôa e Henckmar Borges (TEIXEIRA, 1970, p. 355).

Rondon Pacheco descreve a sua trajetória como professor do Liceu.

Eu me recordo com muita saudade do Liceu. Depois o professor estava recém casado, e veio de Caruaru a sua esposa, D. Faustinha, que o ajudou muito na implantação do Liceu. E agora, o Milton Porto se primou em escolher o corpo docente do Liceu, tanto que o Liceu se multiplicou em várias atividades. Tinha o curso primário, o curso de admissão ao ginásio e criou a escola de comércio, que prosperou muito. Tinha cursos de manhã, à tarde e à noite, sendo o curso noturno pioneiro. Eu quando cursava o terceiro ano ginásial, fui convocado pra dar aulas no Liceu, então muitos dos meus mestres do Ginásio eram meus colegas do Liceu. Fiz o Ginásio no Colégio Estadual. Terminei em 1936, depois fui estudar Direito em Belo Horizonte, na Universidade Federal Fui aluno do Liceu de 1931 até 1934. Fui professor de Português, Aritmética e Geografia a partir de 1934, até 1936. Formei em 1936 e fui pra Belo Horizonte (PACHECO, Rondon, 2006).

O senhor Arcelino Pereira dos Santos disse que quando fazia a 4ª série do ginásio uma professora do admissão saiu da escola deixando os alunos sem docente e Milton Porto o convocou pra ministrar aula na referida sala: “Não vou não! Sr. Milton ‘Vai sim, os alunos já estão na sala, você vai pra lá e dará aula do que você quiser’. Fui tremendo, a classe com muito aluno e eu entrei” (SANTOS, Arcelino P., 2005). Depois de terminado o ginásio este professor ministrou aulas de inglês para o próprio ginásio, porque segundo a entrevista, Milton Porto alegava que Arcelino tinha capacidade. Ele parou de lecionar no Liceu em 1969. Trabalhou na escola por volta de 36 anos. Ao mesmo tempo em que trabalhava no SENAC de Uberlândia, a partir de 1954.

Nota-se a ausência de profissionais no município de Uberlândia pelas falas dos depoentes. Tanto que a maioria dos professores ministravam aulas no Ginásio Mineiro e no Liceu de Uberlândia. O próprio Milton Porto não havia cursado o Ensino Superior, mas segundo os depoentes era um auto-didata muito estudioso.

Agora, o Liceu foi a grande alavanca que impulsionou o Ginásio, tinha tradição... os alunos que passaram por aqui, quantos universitários são enumerados aí, são numerosos professores universitários, saíram do nosso Ginásio Mineiro. Grandes médicos: Josias, Adib Jatene, Amadeu Curi e outros. Muitos lecionavam no Ginásio e no Liceu. Eram muitas horas de aula por dia (PACHECO, Rondon, 2006).

Rondon Pacheco atribui aos colegas, que também lecionaram no Liceu, a influência cultural, política e social na sociedade Uberlandense e em sua vida.

Eu acho que o Liceu influenciou na minha formação política e social enormemente, porque o Liceu era um órgão democrático, de homens livre. Ninguém tinha rótulos disso ou daquilo. Lá se interessavam pelo ensino, pelo humanismo, pela formação da pessoa humana, então eu me lembro dos meus colegas do Liceu: Prof. Andrade, um dos maiores mestres do Colégio Estadual, homem de grande cultura humanística, Prof. Nelson Cupertino, Prof. Domingos Pimentel de Ulhoa, prof. Dr. Luis Rocha, Professor Henckmar Borges, Prof. Enoy Guimarães, prof. Amadeu Cury, ex reitor da Universidade de Brasília. Ele deu aulas no Admissão ao Ginásio, no Liceu de Uberlândia e a noite dávamos aula na academia do Comércio. Outro nome dos professores é do ex Senador Camilo Chaves, um homem de grande formação humanista, porque formou-se no Vaticano e tem um livro muito divulgado no país que estuda a formação sociológica da nossa região, chama-se Caiapônia, de autoria de Camilo Chaves. Agora o Professor Domingos Pimentel de Ulhoa era uma pessoa sobejamente conhecida, ex-presidente da Sociedade Médica e que veio a ser o primeiro reitor da UFU. Aqui eu me realizei na vida pública, plenamente por isso, pois tive essa formação cultural, no meio dos professores, com toda independência e fui estudar em Belo Horizonte. Lá eu fiz concurso, comecei a trabalhar e estudar, mas tenho essas reminiscências todas (PACHECO, Rondon, 2006).

Notamos que o Liceu de Uberlândia estabeleceu relações sócio-culturais de vanguarda na época. Como a criação da primeira orquestra estudantil brasileira, as festas promovidas pela escola, entre outras.



Figura 7 - Grupo de alunos do Liceu de Uberlândia em 1928.

Fonte: Coleção Milton Porto. CDHIS/UFU.

A respeito do internato do Liceu de Uberlândia, “ele começou com a escola. Tinha internato, externato. O funcionamento do internato era complicado, tinha que ter alguém tomando conta 24 horas dos 50 meninos, à noite, nos dormitórios” (PORTO, Galba G., 2006). “As pessoas vinham das fazendas para estudar. A dificuldade era muito grande, vinham para estudar, e onde iam ficar? Então tinha que ter o internato” (PORTO, Yara C. A., 2006).

Eu presenciei o internato. Eu vivi com os internos. Eu brincava no meio deles. Era incrível. Papai dirigiu o colégio numa harmonia impressionante. Não tinha problemas sérios de sexo. O que acontecia é que nós vivíamos no colégio e ali era uma família. Sabe onde nós morávamos? Morávamos em cima, Galba nessa época morava fora. Era tudo integrado, a vida nossa com a vida dos internos. Era uma grande família. E quem supervisionava tudo isso era a mamãe (D. Fausta). Era a casa toda limpinha. A parte de prendas domésticas era ela quem olhava, se os banheiros estavam limpos. Se tinha um interno doente, a mamãe era mãe-enfermeira. Passava a noite inteira na cabeceira da cama, dando remédio de hora em hora. Ela cuidava com o maior carinho. A parte da alimentação, era cozinha industrial, com grandes panelas (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

A depoente atribui ao internato a crise financeira sofrida pela instituição:

Um dos motivos do colégio foi crescendo e as coisas ficando mais difíceis, foi também a questão financeira, porque pra manter internato, a dificuldade do internato, dificuldade de comprar tudo isso. Terminou por isso. Porque ninguém queria tomar conta. A dona Faustina estava cansada, o colégio funcionou muito tempo e tinha os auxiliares que eram muito bons, o pessoal era dedicado. É impressionante, pois todos que trabalhavam lá dentro eram assim. Vestiam a camisa. Era uma grande família. Por isso, o colégio foi tão importante pra todo mundo, porque todo mundo sentia lá na escola, sentia a extensão da família, com maior carinho. (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

A idade máxima para os alunos do internato era de 16 anos. Todos do sexo masculino. As acomodações eram boas, segundo o relatório de 1942. Eles tinham horário de lazer, ouviam rádio, o refeitório bem instalado e com boas condições de higiene, além das práticas esportivas, incluindo natação, em piscina alugada.

Quando funcionando em regime de internato, a instituição escolar é uma instância educativa total, na qual é possível; considerar, entre outros, os fatores de integração e de acompanhamento; analisar as instâncias de socialização, alteridade, autonomização, mobilização; reconsiderar os conceitos de aprendizagem, ativismo pedagógico, experiência emocional (MAGALHÃES, 2004, p. 116).

A próxima imagem exhibe um desses momentos

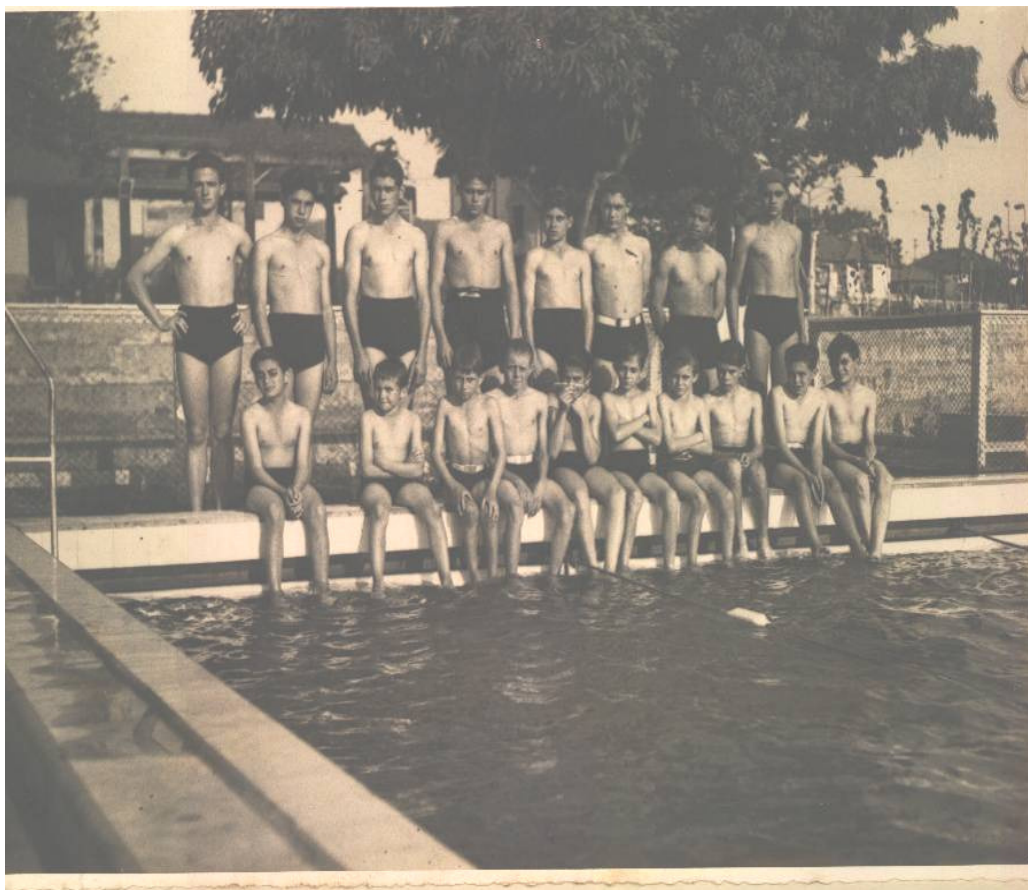


Figura 8 – Alunos do Liceu de Uberlândia na piscina (1937)

Fonte: 40ª Superintendência de Ensino de Uberlândia.

A maioria dos alunos era originária do município de Uberabinha/Uberlândia, onde residiam. Mas a escola também recebia alunos de municípios vizinhos, do Estado de Goiás e até Mato Grosso. O município começava a se despontar como entreposto comercial, principalmente por causa da sua posição geográfica. Ao terminarem seus cursos regressavam, na sua maioria, às suas origens, a fim de realizarem suas atividades profissionais. Grande parte destes exerciam atividades em escritórios comerciais, nos bancos, repartições públicas e ainda ajudavam as famílias nas atividades agropastoris.

O público dos cursos técnicos eram rapazes, na maioria filhos de fazendeiros que não optavam pelo ginásio por não convir com seus interesses. Encontravam no ensino comercial uma orientação mais prática e de resultados econômicos mais imediatos. Os alunos tinham acentuada tendência em cursar os cursos técnicos-comerciais também por causa da empregabilidade, o que também denota a expansão do comércio. A característica multiprofissional dos mineiros que foi tratado no capítulo anterior.

Desses alunos, vários despontaram em carreiras políticas, jurídicas, científicas entre outras, alimentando a qualificação da instituição.

Olha o exemplo: Não sei quantas pessoas o papai citaria que despontaram em todas as áreas, no Brasil inteiro, grandes políticos, médicos, engenheiros, pessoas que se lançaram. A gente encontra com essas pessoas, depois que nós mudamos pra cá, quando a escola fechou e eles falam assim pra nós: “Olha, Galba, seu pai foi isso, seu pai foi aquilo, me ensinou a viver, me ensinou a inclusive o estímulo de estudar, de crescer” (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

Os alunos egressos na sua maioria se constituíram como autoridades públicas, como exemplo:

Nome	Função Exercida
João Pedro Gustin	Deputado Estadual
Rondon Pacheco	Deputado Federal e Governador
Renato de Freitas	Prefeito de Uberlândia
Mário Pacheco	Deputado Estadual

Quadro 6 – Relação de alguns alunos egressos do Liceu de Uberlândia

Fonte: ARANTES (2003); Autora: BERNARDELLI, K.C.C.A., 2005.

Confirmamos nossa epígrafe desde terceiro capítulo “O surgimento de uma instituição se articula com a sociedade numa relação de necessidade” (GARAY, 1998, p. 131), com o depoimento do ex-aluno e ex-professor Rondon Pacheco.

Foi uma instituição vitoriosa, pelas necessidades da sociedade, porque estava em voga os estudantes irem para Uberaba, no Diocesano, iam para o Regina Paces, em Araguari, e com o Liceu, as famílias se fixaram em Uberlândia, através dos filhos (PACHECO, Rondon, 2006).

Na ilustração seguinte temos a presença de alguns professores e alunos do Liceu de Uberlândia.



Figura 9 – Professores e Alunos do Liceu de Uberlândia (1937)

Fonte: Acervo particular de Maria Lúcia Porto Rodrigues da Cunha.

De acordo com o relatório de 1942, os professores conseguiam cumprir os programas de ensino. “Com um corpo docente experimentado a Academia dá cumprimento integral às palavras de Bucker: ‘O fim da escola é fazer um homem capaz de aprender o que ele tem necessidade de saber’” (RELATÓRIO, 1942).

A imprensa escrita (jornal) foi muito presente na vida do Liceu de Uberlândia. Infelizmente, não tivemos contato com os jornais de 1927 a 1929 no arquivo público, pois estavam para o restauro, mas conseguimos fragmentos de algumas reportagens no acervo doado ao CDHIS/UFU. Os jornais faziam referência às excursões, desfiles, bailes promovidos pela escola. Encontramos também exaltações aos métodos pedagógicos (escolanovismo). “Era um ensino liberal e o valor, a liberdade, a opção” (PACHECO, Rondon, 2006).

No jornal *A Pena* (15/08/36) o prefeito Luiz Lisboa descreve as instalações do educandário, sobre a higiene e exalta seu corpo docente. No mesmo ano (22/12/1936) esse mesmo jornal descreve que o Lyceu recebeu a presença de Oscar Arthur Guimarães que

percorreu suas instalações e dependências, viu na escola o fruto de um grande esforço e desejou prosperidade.

A respeito da consolidação, percebemos que esta foi efetivada a partir da formatura da primeira turma de ensino profissional: Guarda-Livros em 1936 e no próximo ano (1937) com a aquisição de prédio próprio, pois até então a escola funcionava em prédio alugado. Aliado a estes fatos, o relatório analisado em 1942 nos subsidia, como já exposto, a afirmação que neste ano foi notado por uma autoridade (inspetor) e pela comunidade a consolidação da escola. Eis a razão do nosso recorte histórico se encerrar neste ano, nesta pesquisa.

O jornal O Estado de Goyaz (01/01/1937) parabenizou a formatura da turma de guarda-livros, quando os filhos de Uberlândia, do Triângulo e de Goyaz vão preparar-se para as duras lutas da vida. Esta reportagem confirma a amplitude conquistada pela instituição que recebia alunos até de outro Estado.

Sob a direção do professor Milton Porto, a obra iniciada em 1928 foi definitivamente consolidada com a aquisição de prédio próprio, reforma das instalações iniciais e construção de dependências amplas, arejadas, obedientes aos mais rigorosos preceitos de higiene escolar. Em 1936, a Academia de Comércio de Uberlândia apresentou, com sua primeira turma de Guarda-Livros, frutos definitivos de trabalho fecundo (RELATÓRIO, 1942).

A imprensa noticiou a consolidação da instituição:

O Lyceu de Uberlândia em prédio próprio. O Lyceu de Uberlândia, por sua directoria, adquiriu o prédio da Praça Osvaldo Cruz, onde funciona, há tempos, passando a ser uma sentinella permanente dos nossos foros de instrucção, com character fixo nesta hospitaleira cidade (A TRIBUNA, 10/03/37).

O prédio foi adquirido com a ajuda de alguns professores. Segundo os relatos Milton Porto não tinha condições de comprar de uma vez todo o terreno e um dos pavilhões foi doado por um ex-aluno, Isoldino Ferreira. “Lá começou pequenino, aí foi se expandindo aos poucos. Comprava um pedacinho de um, de outro. Não foi de uma vez (CUNHA, Ana Maria, P. R., 2006).

Consideramos que os elogios recebidos pela instituição constituem-se na interpretação da sociedade naquele tempo histórico a respeito de sua colaboração educacional para esta. Entendemos também que o próprio relato do inspetor, aqui não identificado, vai ao encontro dessa afirmação. Entretanto, fica a dúvida, não teriam esta mesma forma os relatórios de outras instituições escolares?

No exercício de minhas funções até a presente data nada encontrei que pudesse empanar a ótima impressão que tive quando, após a minha nomeação, visitei pela primeira vez a Academia de Comércio. Transcrevo a seguir as palavras que, naquela época, deixei consignadas no livro de “Termos de visitas”: 19 de maio de 1940. De acordo com as instruções do Sr. Diretor da Divisão do Ensino Comercial, expedidas em seu telegrama n. 354 de 18/05/1940, compareço hoje a esta escola, em minha primeira visita de inspeção. Impressionou-me magnificamente a ótima regularidade de seu funcionamento e admirável organização de seus serviços de secretária. Constatei também uma ótima frequência dos alunos, demonstrando grande interesse pelos seus estudos e trabalhos escolares. Aos seus professores pelo magnífico desempenho de suas funções e ao diretor, prof. Milton Porto, expresso aqui meu louvor pela ótima impressão que tive de tudo que observei hoje na sua escola, quer na parte do ensino propriamente, como na dos serviços complementares (RELATÓRIO, 1942).

Em relação ao quantitativo de alunos,

O colégio chegou a ter 1000 (mil) alunos. Talvez pelas fotos, dê para ver. O colégio era num quintalão de terra batida com mangueiras e foi tudo sendo construído muito devagar. As salas de aula eram em barracões. Papai fazia trabalho de carpinteiro subia nas escadas, ele pintava, colocava forros de madeiras. Então assim, fez trabalho de marceneiro, eletricista, só pedreiro que eu não lembro se o papai fazia. As primeiras salas eram de alvenaria. Era tudo muito improvisado. Aquela escola que eu falei, Escola Municipal “Milton Porto” ela é muito simples, a construção parece muito com o estilo do Liceu, quando papai começou. Era daquele jeito: forro de madeira, aquelas tábuas que o papai fazia. (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

Mas no período pesquisado, 1928 a 1942, o fluxo de alunos ainda era baixo, de acordo com o próximo quadro, elaborado segundo informações do Livro de Matrículas encontrado no acervo no CDHIS/UFU. Não tem como afirmarmos que este quadro estava completo, tendo em vista a dispersão dos documentos da instituição, e por isso a dificuldade de reunir todo o material.

Ano Letivo	Número de matrícula
1931	147
1932	65
1933	12
1934	41
1935	81
1936	59
1937	124

Quadro 7 - Relação do número de matrícula dos anos de 1931 à 1937

Fonte: Livro de matrícula/CDHIS/UFU; Autora: BERNARDELLI, K.C.C.A (2005).

As fichas de empregados eram simples. Continham: nome; endereço; naturalidade; data de nascimento; estado civil; função; data de admissão; número do registro, foto do funcionário e assinatura. No verso continha as aulas e disciplinas.

Para você ver como o papai andava na lei, é que todos os funcionários eram registrados com carteira de trabalho. Eu fui professora, depois que me formei em Belo Horizonte. Professora do Pré-Primário. Eu fundei o maternal aqui em Uberlândia. Não existia outro na época. Eu também tinha minha carteira de trabalho. E graças a esta carteira desde 1958 é que eu tive o documento para eu me aposentar. Eu como filha era registrada, imagine os outros (CUNHA Maria Lúcia P. R., 2006).

Após análise de um livro de matrícula, confirmamos que a escola era mista, mas 70% das matrículas eram para rapazes. Todas as matrículas eram feitas no mesmo livro. Ao ser questionada sobre o fluxo de alunos, Maria Lúcia retrata que a maioria dos alunos,

Em geral continuava, agora tinha os cursos de ginásio e de contabilidade, à noite, porque eram muitos estudantes, porque eram todos funcionários, trabalhavam. À noite, era muito concorrido os cursos, ginásio e contabilidade. Depois foi criado também o curso científico, esse eu não sei se teve nome. Mas funcionava só de manhã, porque seria hoje o colegial. Porque científico era preparação para a faculdade (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

Nas falas dos entrevistados percebemos que o Liceu foi um marco não só educacional, mas também cultural na cidade,

o desenvolvimento artístico foi a base do Liceu, a orquestra do Liceu foi a primeira orquestra. O Nicolau Sulzbeck foi integrante desta. A primeira escola no Brasil que teve uma orquestra só de estudantes. Foi uma semente do que existe hoje de educação. Inclusive o Liceu, através do curso de contabilidade foi sugerido numa ocasião determinada fosse a primeira universidade de ciências econômicas, ciências contábeis, mas isso não se realizou. Mas houve isso, e foi tão importante, única escola de Uberlândia que foi pensada em fazer isso. E se a pessoa for pensar bem, todas as áreas, as pessoas que se distinguiram, a grande maioria da época e mesmo depois era do Liceu (PORTO, Yara C. A., 2006).

As relações políticas percebidas demonstram a influência da escola também nessa esfera, além da educacional e cultural.

Papai gostava muito do Juscelino. E pela ligação deles nós admiramos muito o Juscelino, porque na época que o colégio estava no auge foi a primeira escola no Brasil a ter uma orquestra de estudantes. Ficou tão famosa essa orquestra, que a Rádio Nacional na época é igual a TV Globo de hoje, onde tinha o que era mais importante da época. Através de um ex-aluno da escola que morava no Rio, Luziano, por um convite do Renato Murce, que era um apresentador da Rádio Nacional, para participar de um programa muito famoso, para que a Orquestra do Liceu de Uberlândia fosse se apresentar lá. Mas como levá-los? Não tinha patrocínio. Então surgiu a idéia de solicitar ao Governador de Minas, (Juscelino), o pedido de verba para pagar as passagens e hospedagens dos alunos da orquestra, por ser a primeira do Brasil. E Juscelino concordou e pagou as despesas. Foi um sucesso nacional. Isso aconteceu por volta dos anos 50. O sucesso foi tão grande que houve convite para outra apresentação por tantos pedidos do Brasil inteiro e novamente foi feito o pedido à Juscelino e ele atendeu (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

Segundo o memorialista Antônio Pereira da Silva, no Jornal do Correio (30/09/88, p. 05) “Era a escola que preenchia essa lacuna cultural da comunidade”.

À força dos coronéis, Uberabinha crescia vigorosamente incluindo-se a criação de estabelecimentos de ensino que formariam uma classe média voltada, consciente ou não, contra o coronelato. Os anos vinte e início dos trinta viram surgir escolas gabaritadas que espalharam cultura por toda a região (FLASH, Ano I, n. 8, jul/88, p. 38).

Nesse sentido, o Liceu de Uberlândia convivia com outras instituições educacionais importantes na cidade e que inclusive já foram pesquisadas, Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão (CARVALHO & INÁCIO FILHO, 2002); Escola Estadual de Uberlândia, antigo Ginásio Mineiro de Uberabinha (INÁCIO FILHO & GATTI, 2004) e o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, que iniciou suas atividades em 1932 (RAMOS, 2003) entre outros. Notamos nesses trabalhos a citação das mesmas instituições escolares. Percebemos que a valorização das referidas escolas acontecia também pela sociedade. Existia uma disputa entre elas, mas dita saudável como no depoimento abaixo,

Existia uma disputa saudável, porque o colégio das irmãs era feminino e o colégio Estadual era misto e o Liceu era misto. O colégio das irmãs era de elite, o Liceu, nem tanto, eram alunos que trabalhavam em comércio, moças que trabalhavam nas lojas, era mais popular. Então a diferença era mais isso aí. Os alunos lá eram moças e a elite era lá. Moças de família não estudavam muito no Liceu. Depois que isso começou a mudar. As moças de família, no Estadual, nem no Liceu (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

O depoimento acima nos revela também que como já mencionado nesta pesquisa a hipótese que o Liceu de Uberlândia atendia a elite da cidade era falsa. Vários alunos recebiam bolsas de estudos para estudarem subvencionadas pela própria escola.

A gente ouviu muita gente até hoje, que fala: ‘Graças ao professor Milton, que pude terminar meu curso, que eu pude estudar’ porque quando alguém dizia “Não tenho condição, não vou continuar a estudar” o papai dava de graça. Dava uma bolsa e não tinha subvenção. Daí a grande dificuldade financeira, que acabou ocasionando o fechamento. Sempre era uma luta danada, a dificuldade era muito grande. Pra você ter uma idéia, era o colégio que melhor pagava os professores. Era status dar aulas no Liceu, porque era um colégio muito respeitado, que pagava bem o professor, muito melhor do que qualquer outro e era um colégio que todo professor queria lecionar. Depois, mudou muito esse negócio de moças de família virem estudar aqui. Depois começou a abertura até de comportamento, o colégio influenciou, porque essa coisa de principalmente mulher, mulher não fazia isso, não fazia aquilo. O Liceu influenciou muito nessa mudança de costumes (CUNHA Maria Lúcia P. R., 2006).

A depoente afirma que o Liceu de Uberlândia não recebia subvenções, mas no relatório de 1942, no oitavo item “A Academia recebe da Prefeitura Municipal de Uberlândia, a título de subvenção, a quantia de quatro contos de reis (4:000\$000), por ano. Fazendo jus a essa contribuição a Prefeitura indica, a seu critério, vinte alunos que estudam por conta desta verba” (RELATÓRIO, 1942). Não sabemos se essa quantia era suficiente, tendo em vista as dificuldades financeiras encontradas nas falas e no documento.

O professor Milton Porto deu oportunidade a que vários rapazes e moças pobres pudessem cursar gratuitamente. O Rotary Club de Uberlândia, Associação Comercial de Uberlândia, Associação dos Chauffeurs e Mecânicos de Uberlândia, Congregação Mariana, Loja Maçônica Luz e Caridade, Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade e Igreja Evangélica indicaram alunos pobres para ganharem bolsas de estudos, além de outros estudantes gratuitos (RELATÓRIO, 1942).

Além das bolsas de estudos, outro incentivo que a Academia oferecia era o da premiação. Havia três prêmios: Prêmio Vitor Viana, uma medalha de ouro ao guarda-livro que obtivesse o 1º lugar em todo o curso; Prêmio Lafayette Garcia, curso de guarda-livros gratuito, ao aluno que se classificasse em 1º lugar nas três séries de que se compunha o curso propedêutico e o Prêmio Mário Porto, uma coleção de livros de Geografia e História, ao aluno que conseguisse as melhores notas nas cadeiras de Geografia, Corografia do Brasil, História da Civilização e História do Brasil.

A escola não fornecia o status econômico para o aluno que ali estudasse. “Não chegava a ser um privilégio, mas era uma distinção. Era uma credencial ser aluno do Liceu, a pessoa quando ia fazer o seu vestibular, todo mundo sabia que vinha de uma boa procedência” (PACHECO, Rondon, 2006).

Esta pesquisa não teve como objetivo fazer um trabalho sobre grupos econômicos, apenas os situamos como pano de fundo para melhor análise.

A Classe média é quem freqüentava o Liceu de Uberlândia. Uberlândia é uma cidade de classe média, um traço que domina até hoje. A Escola do Comércio não deixou de abrir um leque, porque a vocação comercial da cidade é nítida. Do Mário e do Nélon era uma vocação apostólica e absoluta dedicação ao ensino (PACHECO, Rondon, 2006).

Nos anos 1920 e 1930, imperava-se na região o comércio a base de trocas. Inclusive porque muitos alunos do Liceu eram filhos de fazendeiros. A moeda de pagamentos das mensalidades também era realizada com gêneros alimentícios e por safras.

Existiu uma loja, era tipo um armazém chamado Oscar Miranda. Esse senhor vendia de tudo desde sacas de arroz, de açúcar a prataria fina e cristais importados. Pra você ter noção, a loja tinha que ter de tudo, então o papai era cliente desse senhor e comprava arroz, os sacos de feijão, mantimentos e teve épocas de tanta dificuldade financeira do colégio que o papai chegou a conversar com Oscar Miranda e disse pra ele: “Olha, seu Oscar, infelizmente não vou ter condição de continuar comprando pra manter o internato”, porque os pais dos alunos demoram muito a pagar, eram fazendeiros da região e mandavam os filhos pra morar e estudar. Eles pagavam quando recebiam da colheita, então não tinha condição de continuar pagando, ele não sabia o que fazer. Infelizmente não tinha dinheiro pra pagá-lo. E Oscar Miranda disse: “Professor, compre o que quiser e pague quando puder, não vai deixar de comprar aqui por causa disso.” E nisso ia conseguindo, com muita luta (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

As dificuldades econômicas sofridas pela instituição também era percebida pelos profissionais e alunos que ali participavam

Eram percebidas nitidamente as dificuldades, porque manter um internato não é fácil, manter o semi-internato não é fácil, eram centenas de alunos que vinham de Goiás, de Ituiutaba, desses municípios mais próximos: Tupaciguara, Monte Alegre, todos estudavam em Uberlândia. Pagavam em gêneros alimentícios. O sistema de trocas, natural, por safras (PACHECO, Rondon 2006).

No relatório de 1942, também foram percebidas a instabilidade financeira no último item elencado.

Não há irregularidades. Têm havido pequenas deficiências que a direção da Academia com esforço e tenacidade tem procurado sanar. Deficiências oriundas da crise financeira geral, que de qualquer outro motivo. Pelo esforço que vem empregando a Academia de Comércio no sentido de melhorar de modo crescente o Instituto, representa este uma obra digna do maior apoio (RELATÓRIO, 1942).

Mas, segundo o próprio Milton Porto, essas condições já se evidenciavam desde os primórdios da escola.

A simplicidade das instalações do Liceu, bem próximas da pobreza, sua inexpressiva apresentação pelo desarranjo das construções que o serviam, jamais dando externamente a impressão de uma casa de ensino com a frequência que chegou a ter, foram suas características até o encerramento de suas atividades. Apenas, aqui foi feito um acréscimo de umas poucas salas de aula, ali um ginásio de basquete servia de palco e local de comemorações, solenidades, reuniões. E só. Nunca teve – porque nunca conseguiu recursos financeiros para tanto – uma apresentação condigna (O TRIÂNGULO, 16/03/83, p. 05).

Diante o exposto podemos afirmar que o Liceu de Uberlândia foi capaz de formar pessoas exigidas pelo contexto, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, pois conseguiu deixar um legado educacional percebido pelos seus profissionais e alunos egressos, bem como outras instituições da época similarmente fizeram. Entretanto, devemos considerar que embora a escola atendesse a classe média, não havia a massificação do ensino como na atualidade e não se falava em crise de emprego, como agora.

3.4 REPERCUSSÕES E TRANSFORMAÇÕES SOFRIDAS PELA INSTITUIÇÃO

Não deixamos de expor no subtítulo anterior algumas transformações sofridas pela instituição. Neste comentaremos um viés curricular e aspectos do cotidiano escolar.

Apesar de não pesquisarmos o currículo do Liceu de Uberlândia, dois fatores nos chamaram a atenção. Um primeiro fator é a ausência do Ensino Religioso, que segundo os depoimentos, era uma opção do diretor não havê-lo. A disciplina de moral e cívica é o segundo fator, que era bastante trabalhada. Percebemos uma maior aproximação do diretor com o espiritismo, se distanciando assim do catolicismo, religião oficial do município. Isto implicou em desavenças, contradizendo a recepção percebida pela família no município de Uberabinha/Uberlândia, como mostra o trecho abaixo.

Papai sofreu perseguição aqui por alguns padres e o bispo de Uberaba fazia crônicas contra o papai. O colégio das irmãs fazia um trabalho contra o Liceu que era um colégio misto e lá só de moças. Que o diretor era irmão de um comunista, que o papai e família eram forasteiros. Papai imprimiu uma forma maravilhosa de educar, porque no Liceu estudavam alunos de todos os credos e todas as raças. Uma vez pediram o galpão do Colégio para realizarem um congresso espírita e o papai cedeu. Mas pra quê? Ele foi super combatido por isso. A igreja contra, os padres daqui fazendo pressão, era o prefeito também que fazia campanha contra o colégio. Nessa época o papai sofreu muita pressão, muito preconceito. A gente era menina, mas convivíamos com isso e notávamos o papai bem “baqueado”. A situação ficou muito difícil com o prefeito Tubal Vilela, porque ele combatia frontalmente, porque ele sentia que os alunos estavam sendo esclarecidos e isso não era bom para ele. Negros estudavam lá e tinha o mesmo tratamento, não existia diferença social, de raça, nem de religião. Então era um colégio liberal que todos se sentiam bem. Mas era um colégio de disciplina, mas liberal. Eu sei que com isso ele teve problemas com políticos e clero (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

As relações educacionais, políticas e religiosas andavam de mãos dadas no período estudado por esta pesquisa.

Papai tinha muita intimidade com o Padre Mário Florestan, um italiano, cabeça aberta, avançado, por isso que se deram bem. E tinha também uma freira do colégio que o papai gostava muito dela, era do Colégio das Irmãs Coração de Jesus. Mamãe era muito católica. Nós tivemos religião, mas não era nada imposto. Nós fizemos primeira comunhão. A gente freqüentava a igreja, mas o papai se afastou um pouco da igreja. Ele tinha suas convicções, mas não participava, mas suas convicções eram advindas da educação rigorosa dos salesianos. Quando se tem muita pressão, e depois quando se sente livre, quer-se afastar, da imposição da Igreja Católica pelo medo. Ele era cristão, o que ele fez pelas pessoas confirma isso. O que tem de depoimento de ex-alunos, de amigos, que falam: “Graças ao Sr. Milton Porto, eu consegui completar meus estudos.” Quantos chegavam lá e iam até a metade do ano, e depois não tinham condição de continuar, e o papai queria saber o porquê. Naquela época não existia desemprego, mas o que a pessoa ganhava não dava pra pagar. E o Sr. Milton falava: “Não seja por isso, você vai continuar seus estudos, não vai parar por isso.” Se fosse fazer um balanço de pagantes e não pagantes, era a mesma coisa. Ele fazia questão que o aluno estudasse (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

O depoimento a seguir nos confirma a hipótese de que o Liceu de Uberlândia tinha o ideário republicano, que ao mesmo tempo liberal também era positivista: “Ordem e Progresso”, pauta da época.

Eles hasteavam a bandeira, toda semana. Existia este trabalho cívico. Porque eles diziam a aula de moral e cívica, então, os alunos já tinham aquele princípio educado. Uma coisa que hoje não se vê, mas o professor Milton dava aula de moral e cívica, ele ensinava os alunos a sempre respeitarem os mais velhos, as pessoas idosas, a sempre respeitarem porque os pais deles iriam ficar com idade e se estivesse no passeio e fosse pra rua atravessa-la (SANTOS Arcelino P., 2005).

O civismo era presente na escola. “A gente cantava o hino. Era cantado nas reuniões, não era diariamente. Mas se tinha alguma festividade do colégio, cantava o Hino Nacional e o hino do Liceu. Alguns ex-alunos até hoje sabem o hino da escola” (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006). A bandeira era hasteada pelo aluno mais aplicado. O hino criado por Johen Carneiro foi composto por volta de 1940. Ele retrata a interpretação dos alunos e professores a respeito da instituição.

HINO DO LICEU DE UBERLÂNDIA

Johen Carneiro

Avante Liceu

Marchai denodadamente

Avante, Liceu

Sempre, sempre pra frente

Avante, Liceu

Lutai, lutai com ardor

Porque venceremos,

Todas batalhas sem temor

Ufanos conquistaremos

Lauréis de grande valor

Refletindo nesta luta

Da união o esplendor

O assim sempre unidos

Levaremos com razão

A imagem querida

Do Liceu no coração.

O ex-aluno e ex-professor Arcelino Pereira dos Santos guardou várias cartas, documentos, vestígios da escola. Junto a eles encontramos um poema de sua autoria

Liceu de Uberlândia, tesouro magnífico da cidade

Berço da cultura de Uberlândia

Esplendor de uma época

Luz que brilha a um povo dinâmico...

Notamos que o Liceu de Uberlândia foi promotor de integração social e se configurou-se como lugar de formação cultural. Nessa dimensão é encontrada mais uma razão de se historiar instituições educativas, na tentativa de formar gerações mais novas para que desenvolvam o ensino e a aprendizagem nesta perspectiva da integração social e formação cultural num viés de formação societária do homem. É a educação que nos difere dos demais seres. O Liceu de Uberlândia passa a ser então, uma referência institucional, a partir desta pesquisa.

O cotidiano da instituição foi traçado ao longo do terceiro capítulo, mas o seguinte depoimento pormenoriza algumas ações, como, as festas na escola. Esta fala revela estratégias educativas com relação às atividades extra-escolares. Dessas havia interação família-corpo docente, família-alunos, corpo docente-alunos.

Era um ambiente bem saudável e com cabeças muito abertas para a época. Papai passava filmes pros alunos. Toda sexta-feira tinha sessão pros alunos, à noite. Tinha jogos de basquete, futebol, vôlei. A natação era lá no UTC. Então o esporte era muito atuante e o pessoal participava muito. Havia a domingueira, as pessoas dançavam. A escola funcionava de domingo a domingo e nós convivíamos dentro do colégio, a gente participava de tudo. Era baile pra cidade inteira. O papai organizava tudo. Fazia um balão enorme no salão. Fazia quadrilha, armava uma fogueira e colocava o ventilador embaixo, onde colocava tirinhas de papel vermelho de seda: vermelho, amarelo e alaranjado. O ventilador ficava rodando e aquilo voava como se fosse uma fogueira. Vinha orquestra de fora da cidade, era contratada com cantores renomados, para angariar fundos para a formatura. Durante o ano fazia essas festas, pagas pela população, para angariar fundos para a festa de formatura. Existia um diretório acadêmico que organizava tudo isso e eles que controlavam as despesas. Era uma empresa júnior dentro da escola. Todos os alunos participavam com o maior entusiasmo. As festas eram feitas no Ginásio Luiz Rocha e Silva (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).



Figura 10 – Solenidade de encerramento de ano letivo (1937)

Fonte: 40ª Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia.

Na pesquisa bibliográfica encontramos outro trabalho sobre o Liceu de Humanidades de Campos. Interessante notar que o autor faz afirmações que também podemos fazer a respeito do nosso objeto, quando,

A história do Liceu é povoada de vultos ilustres, uma longa lista de professores idealistas que não exerciam o magistério apenas pelos vencimentos, mas com muito amor e dedicação. [...] Liceu de ontem, de hoje, de todos os tempos. Ninguém ‘foi’ liceísta. Todos que cursaram o velho Liceu continuam liceístas, com 30 ou 70 anos (RODRIGUES, 1988, p. 119).

Ao sermos questionados a respeito do nosso objeto de pesquisa, pela comunidade, pela academia, a resposta, Liceu de Uberlândia, parece trazer às pessoas ligadas à instituição a recuperação da memória de ainda pertencerem à escola, seja como alunos, seja como professor. Trata-se de um sentimento em torno da instituição escolar diferente em relação a atualidade. Notamos que o alunado atual não carrega tais recordações. Serão por razões político-educacionais do período ou pelas práticas educativas lá existentes que fazem perpetuar nos liceístas esse sentimento de pertença e de saudosismo? A resposta à esta pergunta ficará à mercê dos candidatos a respondê-la.

Embora o nosso recorte não inclua o fim da escola, percebemos a necessidade de expor alguns motivos, para o fechamento da instituição. Não havia a menor possibilidade de renovação física de todo o seu material e instalações. E existiam mesmo enorme dificuldade para a manutenção de todo valoroso grupamento humano que ainda permanecia na “casa” (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 30/09/88, p. 05). “Quando fechou o Liceu, pra acertar com os professores, ele vendeu muitos imóveis, pra pagar todo mundo certinho. Pagou indenização de todos” (PORTO, Yara C. A., 2006).

Os professores gostavam de lecionar lá porque além de ser um colégio com muita harmonia, ele remunerava bem o professor. O governo exigiu aumento e não permitia aumentar a mensalidade escolar. Então começou haver muita dificuldade financeira. Pagava-se bem e não se recebia de acordo. Ficou uma situação insustentável. Depois de um tempo eu me casei e fui morar em São Paulo. A Ana também casou e foi morar no Rio. O meu irmão que se formou no Rio veio morar aqui, mas é engenheiro e não tinha nada ver com o colégio. Aí não tinha continuadores para o colégio. O papai foi ficando desestimulado por essas pressões. Então chegou uma situação que ele estava apertadíssimo para pagar os professores foi quando ele juntamente com os amigos, meu padrinho Luiz Rocha e Silva (que lecionava também no colégio) e via que não tinha como continuar, o Rubens casado com a minha prima, o Rondon decidiram que o melhor seria encerrar. Foi um ano e meio de reuniões para encerrar as atividades em 1972, e com estas pessoas, para verificarem qual a melhor maneira de fechar o colégio. Os alunos foram avisados durante um ano, para também irem procurando outro colégio. E foi uma choradeira o ano inteiro, ninguém se conformava, eles não acreditavam que o colégio fosse fechar. Achavam que era só uma fase, mas foi tudo programado para encerrar. E para pagar e indenizar todos os professores ele (Papai) tinha alguns terrenos, vendeu alguns que tinha adquirido para fazer o pagamento dos professores (CUNHA, Maria Lúcia P. R., 2006).

O entrevistado, Arcelino Pereira dos Santos, nos mostrou uma carta recebida falando sobre o fechamento da escola. O professor Milton dizia nessa carta que no próximo ano (1973) não haveria mais aulas. Encerrando-se assim o ciclo de atividades.

Cumpre-me comunicar-lhe que, a partir do ano letivo de 1973, não mais funcionarão os cursos que o Liceu de Uberlândia vinha mantendo nesta cidade. Agradecido e desvanecido pelo apoio e confiança que sempre foram dispensados por V.S. e sua digna família, à direção, professores e auxiliares desta casa de ensino.

Subscrevo-me.

Atenciosamente,

Milton de Magalhães Porto

Diretor

24/11/1972.

Temos a hipótese que Milton Porto se retratou a todos os ex- funcionários e atuais do período a respeito do fechamento da instituição. Tal feito foi sentido não só pela comunidade escolar, mas pela sociedade Uberlandense.

Isso é histórico. Os alunos choraram com muita tristeza. Quem passava pelo Liceu nunca se desligava. Todos ficavam envolvidos. Se não era diretamente, era indiretamente. Então foi assim, uma verdadeira revolução, um trabalho impressionante que foi feito e que envolvia as pessoas. O mérito maior era dos alunos Não dependia do tempo que estudou, quantos anos, bastava que tivesse sido aluno, aquilo já era uma marca, era qualidade, não era o tempo, pois eles eram bem acolhidos (CUNHA Maria Lúcia P. R., 2006).

Talvez seja um erro dizer que a história do Liceu de Uberlândia tenha encerrado em 1972. Durante vários anos a instituição foi lembrada em periódicos, alguns dos quais foram utilizados nesta pesquisa na tentativa de reconstruir a história e memória da instituição.

De 1969 a 1978, Milton de Magalhães Porto presidiu a Fundação Universidade de Uberlândia. Recebeu o título de Cidadão Honorário e a Medalha Augusto César. Em 1974, o Estado de Minas Gerais conferiu-lhe a Comenda Santos Dumont e em 29 de outubro de 1980, o professor Milton Porto recebeu da Assembléia Legislativa do Estado, o título de CIDADÃO MINEIRO, por Mário Pacheco irmão de Rondon Pacheco. Depois disso, aposentou-se. Faleceu em 30 de agosto de 1988 e foi sepultado no centenário da cidade de Uberlândia na Câmara Legislativa.

O Liceu de Uberlândia colaborou na promoção do ideário de progresso e civilização, mesmo sendo de iniciativa particular e não pública, e participa do ritmo de progresso de Uberlândia ditado pela elite local.

Nasce (1928) em Uberabinha, uma cidade com aproximadamente 30.000 (trinta mil) habitantes e se despede (1972) em Uberlândia, quando a cidade contava com cerca de 125.000 (cento e vinte e cinco mil). Proporcionalmente, Uberlândia cresceu a cada década a sua população registrada em 1928 (um pouco mais de quatro vezes nas quatro décadas). Por esta instituição situamos vários aspectos da história do município. Confundindo dimensões internas com externas, particular com geral.

As considerações finais deste capítulo estarão cunhadas na conclusão do trabalho.

CONCLUSÃO

O problema inicial deste trabalho sofreu modificações estruturais ao longo da pesquisa. A delimitação temporal passou por mudanças, pois a princípio pretendíamos fazer o recorte da gênese do Liceu de Uberlândia (1928) ao seu fechamento (1972). Mas a abertura do leque tornaria inviável a divulgação dos resultados da pesquisa dentro do prazo permitido pelo programa de pós-graduação em Educação.

Procuramos responder ao longo do texto o problema que orientou o presente trabalho, após o seu redimensionamento, ao qual estava ligado ao nosso objetivo, era o de compreender os motivos da criação e consolidação do Liceu de Uberlândia; como era organizada a instituição? Como o Liceu influenciou a trajetória de vida dos alunos? A qual o contexto político-educacional a instituição estava inserida?

Podemos afirmar que a vasta gama da população sem o atendimento escolar, no município de Uberabinha e as concessões das leis concedidas pela reformas educacionais explanadas no trabalho foram os principais motivos para a criação do Liceu de Uberlândia, pela família Porto. Apesar de nos anos 1920 o município não se projetar na área econômica e política, nem estadual nem nacionalmente como hoje, mas foi o palco escolhido para idealização e concretização de uma instituição escolar tão prestigiada no período.

Da perspectiva da história das instituições educativas, buscou-se descrever e interpretar o itinerário desta escola, assinalando o processo de criação, a evolução e as transformações “[...] Cada instituição educativa revela-se como um universo próprio que estabelece relações com o meio sócio-cultural” (NASCIMENTO, 1999, p.18).

Ao trabalho eram incorporados diariamente vários aspectos que o enriqueceram. Aspectos estes também orientados no exame de qualificação pelos professores Drs. Geraldo Inácio Filho (orientador), José Carlos Araújo e Carlos Henrique Carvalho. Não podemos ocultar as outras contribuições já anunciadas nos agradecimentos deste trabalho.

Entrar numa instituição educativa é relativamente fácil quando as portas nos são abertas, como nesse caso. Mas sair deste universo é extremamente difícil, pois o que é passível de ser pesquisado é tão amplo que faz com que delimitemos as categorias de análise, o tempo e o espaço do objeto. É necessário problematizar, explicar e contextualizar o objeto, pois ele influencia e é influenciado pela sociedade.

O Liceu de Uberlândia como outras instituições foi inserido no contexto político-social e econômico do período nesta sociedade. Por sua vez, conforme depoimentos, influenciou educacional e culturalmente a sociedade Uberlandense. A família Magalhães

Porto vinda de Caruaru-PE propiciou a participação da instalação do ensino secundário público por Mário Porto como reitor do ginásio Mineiro de Uberabinha, da revolução de 1930 com Nelson Porto, combatente e redator do jornal *O Diário da Revolução*. O Liceu ainda foi pioneiro no oferecimento de curso noturno na cidade; no seu interior foi criada a primeira orquestra estudantil nacional, entre outras inúmeras atividades que ainda ficaram encobertas.

Seus personagens, alunos, professores, comunidade formam um grupo com interesses comuns em relação à instituição inserida numa sociedade. Os estudos sobre as fontes, como evidenciado no primeiro capítulo, proporcionaram-nos a conhecê-las e a utilizá-las na pesquisa. E assim fizemos, utilizando os documentos, como um relatório, a imprensa, a bibliografia acerca da História da Educação e das Instituições Educativas, história oral com técnica e imagens fotográficas.

A bibliografia e as entrevistas foram de fácil acesso. Já os documentos da escola, como o relatório, imagens e peças da imprensa dificultaram em parte o trabalho, pois os mesmos se encontram dispersos o que dificulta o processo de identificação. Em relação à imprensa, encontramos jornais no Arquivo Público Municipal, mas alguns deles, que nos remete ao período da gênese (1928), ainda estão em fase de restauração. Na 40ª Superintendência Regional de Ensino do Estado de Minas Gerais, encontramos alguns documentos e fotos que estão desordenados em uma caixa. Como uma escola extinta, que durante 44 anos exerceu suas atividades, deixa somente uma caixa de arquivo?

No CDHIS/UFU, deparamo-nos com acervo doado pela família de Milton Porto que está bem conservado, enquanto na Escola Estadual de Uberlândia, antigo Ginásio Mineiro de Uberabinha, localizam-se diversas fichas de alunos empoeiradas e misturadas com as da própria instituição. A família também guarda alguns vestígios pessoais, recortes da imprensa que mencionaram a saga da família e da escola. Seguimos as orientações de Ginzburg (1989) sobre o rastreamento de vestígios e podemos afirmar que realmente uma fonte nos leva a outra.

Interessante notar que as fontes levaram-nos mais a convergências do que a divergências. Percebemos que as entrevistas, os artigos da imprensa, o relatório analisado caminhavam no mesmo sentido, inclusive todos denunciaram as dificuldades financeiras pelas quais a instituição passou, desde o momento de sua gênese, consolidação e fechamento.

Dificuldades também foram encontradas nas inovações pedagógicas e no discurso contrário ao coronelato regional, propiciando inclusive a fuga do idealizador e fundador da escola, Mário de Magalhães Porto, taxado como comunista.

Embora optemos por uma análise exterior, em alguns momentos a pesquisa levou – nos ao interior da escola, mas a falta de conhecimento dos depoentes e a ausência de documentos nos fizeram recuar. Entretanto, em uma das inserções nos deparamos com a falta de formação religiosa, opção dos diretores, segundo as entrevistas. Esta ausência chamou-nos a atenção, pois a Reforma Estadual Educacional de Francisco Campos de 1927 e 1928 faz uma aproximação com a Igreja Católica. Essa lacuna numa sociedade predominantemente católica foi preenchida e direcionada para a elite com a criação do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas em 1932 (RAMOS, 2003).

Entendemos que o objetivo do Liceu de Uberlândia foi a formação educacional com ênfase posteriormente na modalidade técnica profissional e não a serviço de determinada classe, tendo em vista que a escola era mista, “aceitante” de alunos advindos de vários credos e raças. As bolsas aos alunos mais carentes, as premiações aos alunos com melhores resultados, o ensino técnico profissional, ensino noturno e as dificuldades financeiras confirmam os objetivos educacionais explícitos e afasta a idéia de ensino para elite, que caracteriza a nossa primeira hipótese.

A pesquisa nos revela o idealismo de educação embutido nas ações, como: “mesmo se não tem dinheiro pode continuar estudando”. Seriam atos de solidariedade pelo proprietário da escola ou utopia de que a educação é o instrumento de progresso da sociedade?

Percebemos que a sociedade Uberlandense depositou credibilidade ao Liceu, fato percebido também no Lyceu Aristotélico. A organização da escola, o estilo humanista de educação parece ter sido copiado da Grécia Antiga. Tal fato nos leva a concluir que o nome adotado pela família Porto, Liceu de Uberlândia e Academia de Comércio de Uberlândia podem ser considerados apelidos na tentativa de aproximar os objetivos das duas instituições. O que as distancia é que o Lyceu de Aristóteles se destinava a um grupo privilegiado e se concentrava no ensino secundário. Já o Liceu de Uberlândia priorizou o ensino primário, admissional e técnico e recebia alunos oriundos de vários grupos, como faziam os lyceus franceses que objetivavam inserir os jovens no mundo das luzes, sejam pobres ou ricos. O lyceu francês se torna referência pra outros países da Europa, inclusive para Portugal, nossa antiga metrópole.

Essa referência demonstra o intuito de alavancar a modernidade. Formar os jovens da elite, no caso do Brasil, para que fossem capazes de desenvolver a nação. A família Porto não faz essa distinção de público, o que a distancia novamente dos lyceus criados no país pelos governantes. É claro que os menos favorecidos não eram atendidos nem pelo serviço público, mesmo quando havia vagas, faltavam alunos em Uberlândia. O Lyceu de Goyaz (BARROS,

2006) e o de Campos de Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro (MARTINEZ & BOYNARD, 2004) são exemplos pesquisados de lyceus que comportavam como objetivo educar as classes dirigentes e instruir as classes trabalhadoras. A separação de quem pensa e de quem executa.

Muitos alunos egressos do Liceu de Uberlândia, apesar de na sua maioria serem da classe média, são hoje lembrados como expoentes econômicos, políticos, culturais e educacionais no raio municipal, estadual e até nacional. Várias escolas, praças, logradouros têm o nome de ex-alunos e ex-professores da instituição. Vale lembrar que tais personagens estudaram e trabalharam em outras instituições, principalmente no Ginásio Mineiro de Uberabinha, ao qual a escola manteve estreitos contatos, por razões já explícitas.

Por não termos um acervo centralizado e consolidado da escola foi impossível quantificar o número exato de alunos e docentes do período pesquisado. Tivemos acesso a um livro de matrículas com grande variação de informações, o que indica a falta do documento na íntegra. Segundo os relatos, a escola teve que se expandir de acordo com a demanda que era maior a cada ano.

Em relação aos docentes, estes eram bem remunerados na época, segundo informações fornecidas pela família e pelos dois ex-professores entrevistados. As disciplinas ministradas por eles não foram questionadas, pois não adentramos aos aspectos pedagógicos da instituição.

Entendemos que o contexto político e as reformas educacionais analisadas influenciaram na organização da instituição, pela presença constante de inspetores denunciada por um dos depoimentos e pela análise do relatório de 1942, que faz uma retrospectiva da gênese até a referente data. Constava em muitos itens a situação da escola em relação ao decreto em vigor. Este mesmo relatório indicou-nos a supremacia do ensino profissional ministrado na escola anexa ao Liceu, a Academia de Comércio de Uberlândia. O trabalho com as imagens também confirmou tal feito a partir de 1935. A história do Liceu e Academia se confundiram, mas diante os depoimentos, a memória dos entrevistados os remetiam ao Liceu de Uberlândia e pouco citaram o anexo.

Talvez cometemos o risco anunciado por Araújo (2002, p. 6) “é um risco teórico-metodológico buscar a contextualização – ainda mais aquela externa ao campo educacional -, em detrimento da identidade institucional escolar”. Mas, prosseguindo ele, também percebe a inviabilidade em fazer análises apenas endógenas da instituição: “Todavia, também é problemático o enfoque voltado apenas à dimensão interna da instituição escolar. A cultura escolar não é fenômeno interno ao processo de escolarização e isento das configurações

sociais” (ARAÚJO, 2002, p. 6). As origens do Liceu se estruturaram no âmbito de um movimento político e econômico com desdobramentos locais da cidade natal da família Magalhães Porto e consequentemente no mesmo período em Uberabinha.

Em cada documento pesquisado, a cada entrevista ouvida, a história e memória da instituição foram sendo reconstruídas. Pensamos ter conseguido o que nos propusemos, ou seja, por meio da história e memória, desvelar a gênese e consolidação do Liceu de Uberlândia.

Várias lacunas são deixadas em aberto, talvez constituindo-se falhas, pois ao nos adentrarmos numa instituição escolar com, *a priori* determinados objetivos, outros fatores vão nos saltando os olhos, mas por causa do tempo de entrega do trabalho, da delimitação temporal, temos que deixar para outro momento ou a outros pesquisadores.

Dessa forma, muitos outros pesquisadores poderão enveredar no estudo desta escola, pois várias portas foram abertas e assim permanecidas por não incluírem ao objetivo da pesquisa. Os anexos ao Liceu de Uberlândia: Academia de Comércio de Uberlândia (1931), o Ginásio Oswaldo Cruz (1942), Escola Normal “Mário Porto”, o Jardim de Infância “Matilde Guimarães” a Escola Técnica de Comércio, que parece ter substituído a Academia, poderão consistir em outros objetos para estudo. Fica aqui o convite para tal empreitada.

REFERÊNCIAS

1. RELATÓRIO

Uberlândia. **Relatório de Inspeção do Liceu de Uberlândia**. 1942

2. JORNAIS

Ipameri. **O Estado de Goyaz**. Ipameri, 01 jan. 1937.

São Paulo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 1941.

Uberabinha. **A Tribuna**. Uberabinha, 15 jan. 1928.

Uberabinha. **A Tribuna**. Uberabinha, 17 jun. 1928.

Uberabinha. **A Tribuna**. Uberlândia, Ano XI, n. 474, p.1, 08 dez. 1929.

Uberlândia. **A Tribuna**. Uberlândia, 10 mar. 1937.

Uberlândia. **A pena**. Uberlândia, 15 ago.1936.

Uberlândia. **A pena**. Uberlândia, 22 dez. 1936.

Uberlândia. **O Diário da Revolução**. Uberlândia, n. 1 ao 43, out 1930.

Uberlândia. **O Triângulo**. Uberlândia, p. 5, 16 mar. 1983.

Uberlândia. **Uberlândia Ilustrada**. Uberlândia, n. 10, p. 22, jul. 1941.

Uberlândia. **Jornal do Correio**. Uberlândia, p. 05, 30 set. 1988.

Uberlândia. **Revista Flash**. Uberlândia, Ano I, n. 8, p. 38, jul. 1988.

3. LEIS

BRASIL. Constituição de 1891.

_____. Constituição de 1934.

_____. Diário Oficial da União. Exposição de motivos dos decretos 19851 e 19852, p. 5833 de 15/04/1931.

_____. Criação do SENAI. Decreto-lei 4048 de 22/01/1942.

_____. Regulamentação do Ensino Industrial, 1942 (Decreto-lei n. 4073 de 30/01/1942).

MINAS GERAIS. Regulamento da Instrução Primária e Normal do Estado de Minas, 1906.

_____. Regulamento do Ensino Primário do Estado de Minas, 1927 (Decreto-lei n. 7970 A de 15/10/1927).

_____. Regulamento do Ensino Normal do Estado de Minas, 1928 (Decreto-lei n. 8162 de 20/01/1928).

_____. Programa do Ensino Primário do Estado de Minas, 1928 (Decreto-lei n. 8094 de 20/01/1928).

_____. Programa do Ensino Normal do Estado de Minas, 1928 (Decreto-lei n. 8225 de 11/02/1928).

4. ENTREVISTAS

CUNHA, Ana Maria Porto Ribeiro. Entrevista concedida a Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli. Uberlândia, 25 setembro 2006.

CUNHA, Maria Lúcia Porto Rodrigues da. Entrevista concedida a Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli. Uberlândia, 25 setembro 2006.

PACHECO, Rondon. Entrevista concedida a Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli. Uberlândia, 01 de junho de 2006.

PORTO, Galba Gouveia. Entrevista concedida a Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli. Uberlândia, 29 maio 2006.

PORTO, Yara Costa Arantes. Entrevista concedida a Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli. Uberlândia, 29 maio 2006.

PORTO, Milton de Magalhães Porto. Entrevista concedida a Antônio Pereira da Silva. Uberlândia, maio 1983.

SANTOS, Arcelino P. Entrevista concedida a Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli. Uberlândia, 29 setembro 2005.

5. BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA, Bonifácio de. Aspectos da Revolução de 30 e o Papel de Minas. In: **VI Seminário de Estudos Mineiros**. A Revolução de 1930. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.

ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus**: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: Edufu, 2003.

ARAÚJO, José Carlos S. **História institucional do Liceu de Uberlândia, 1928-1973 e sua projeção local e regional**. II Congresso Brasileiro de História da Educação. Natal, RN.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Data: 03 a 06 de novembro de 2002. Anais em CD-ROM, 10 páginas.

_____. **Os grupos Escolares em Minas Gerais como Expressão de uma política Pública: Uma perspectiva histórica.** In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). Grupos Escolares: Cultura Escolar Primária e Escolarização da Infância no Brasil (1893-1971). Campinas, S.P: Mercado das Letras, 2006.

AZEVEDO, F. Os sistemas escolares. In: PEREIRA, L. & FORACCHI, M. M. (orgs). **Educação e Sociedade:** leituras de sociologia da educação. 9ed. São Paulo: Nacional, p. 138-149, 1978.

_____. **A Cultura Brasileira.** 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BARRETO, Vicente. **Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro – Unidade I e II.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BARROS, Fernanda. **Lyceu de Goyaz:** elitização endossada pelas oligarquias goianas 1906-1937. Dissertação (Mestrado), Uberlândia: Programa de Pós-graduação em Educação-UFU, 2006.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **História da educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução.** Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1994

BERGER, P. & BERGER, B. (1978). O que é uma instituição social. In: PEREIRA, L. & FORACCHI, M. M. (orgs). **Educação e Sociedade:** leituras de sociologia da educação. 9ed. São Paulo: Nacional, p. 193-199.

BERNARDELLI, Kellen Cristina Costa Alves. Liceu de Uberlândia – 1928 a 1932, 11 a 13/08/2005. **3º Encontro de Pesquisas em Educação.** Uberaba – MG: Faculdade de Educação - UNIUBE, 2005. (CD ROM).

_____. A iconografia na pesquisa em educação: Uma análise da disciplinarização dos corpos no colégio Liceu de Uberlândia, MG nos anos 30, 06 a 09/12/2005. **VI Seminário: O Uno e o Diverso na Educação Escolar; XI Seminário Regional sobre a Formação do Educador:** “Universidade Democrática – Educação Superior em Debate”. Uberlândia, Faculdade de Educação – UFU, 2005 (CD ROM).

_____. A influência da Reforma Campos na organização do Liceu de Uberlândia – Anos 20, 10 a 15/07/2006. **XV Encontro Regional de História.** São João Del Rei. Universidade Federal de São João del-Rei, 2006. (CD ROM).

_____. História das Instituições Educativas – Liceu de Uberlândia 1928-1932. **IV Congresso Brasileiro de História da Educação,** 05 a 08/11/2006. Goiânia. Universidade Católica de Goiás, 2006 (CD ROM).

_____. LICEU DE UBERLÂNDIA 1928 à 1937 – Contribuição à História das Instituições Educativas, 08 e 09/11/2006. **VII Seminário Nacional O Uno e o Diverso na Educação Escolar**. Uberlândia, Faculdade de Educação – UFU, 2006. (CD ROM).

_____. Abordagem Iconográfica: Técnica para a reconstrução da História das Instituições Escolares. **IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais**, 07 a 10/05/2007. Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007 (CD ROM).

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. 3 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: EdUnB, 1986.

Boletim CDHIS: Centro de Documentação e pesquisa em História da UFU. Boletim Informativo especial, n. 22, Ano 11. Uberlândia, MG.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e Política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BORGES, Vera Lúcia Abrão. **A ideologia do caráter nacional em Minas**: Revista Ensino (1925-1929), 1993. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. **A instrução pública primária na fala da elite mineira: 1892-1898**. Tese. São Paulo: PUCSP, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 6 ed São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o iluminismo e a revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 1996.

BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. (2000). **Dicionário crítico de sociologia**. 2 ed São Paulo: Ática, p. 300-307. (verbete: instituições).

BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2001.

BUFFA, E. (2002) História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, J. C. & GATTI JÚNIOR, D. (Orgs). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados/Uberlândia: EdUFU, p. 25-38.

BURKE, P. **A escola dos Annales. 1929-1989. A Revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. Trad.de Álvaro Lorencini. São Paulo: EdUnesp, 1999.

CAMPOS, Francisco. **Educação e Cultura**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1941.

CÂNDIDO, A. A estrutura da escola. In: PEREIRA, L. & FORACCHI, M. M. (orgs). **Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação**. 9ed São Paulo: Nacional, p. 107-128, 1978.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CAPELATO, M. H. R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EdUSP, 1994.

CARVALHO, José Murilo (1998). **A formação das almas: o imaginário da República do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de; INÁCIO FILHO, Geraldo. Educação pública durante o período republicano: Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão (Uberlândia-MG 1915-1929). In: Ana Amélia Borges Magalhães Lopes; Irlen Antônio Gonçalves; Luciano Mendes de Faria Filho; Maria do Carmo Xavier. (Org.). **História da Educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FUMEC/FCH, v. I, p. 559-561, 2002.

CHAGAS, Paulo Pinheiro. Depoimentos de um Contemporâneo da Revolução de 30 em Minas. In: **VI Seminário de Estudos Mineiros**. A Revolução de 1930. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CIAVATTA, Maria & ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro: FGV, s/p. [verbetes: Instituição (administração) e Instituição (sociologia), 1986.

DOSSE, François (1950). **A história em migalhas: dos “Annales” à “Nova História”**; Trad. Dulce da Silva Ramos. Campinas: EdUnicamp, 1992.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____; WEBER, M., MARX., K & PARSONS, T. (2001). **Introdução ao pensamento sociológico**. São Paulo: Centauro.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo, EdUPF, 2000.

FARIA FILHO, L. M E PEIXOTO, A. C. (Orgs.) **Lições de Minas – 70 anos da Secretaria de Educação**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2000 (Lições de Minas 7).

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 30; historiografia e história**. São Paulo, Brasiliense, 1975.

FEBVRE, L. Vers une autre histoire, em “**Revue de métaphysiques et de morale**”, LVI-II, pp. 419-38.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus, 2003.

FISHMAN, GUSTAVO E. Reflexões sobre imagens, cultura, visual e pesquisa educacional. In: CIAVATTA, M. & ALVES, N (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 37-53.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRIEIRO, Eduardo. **A imprensa política em Minas. Minas Gerais**, Belo Horizonte, 21 abr, 1932 4. séc. (Ed. Comemorativa dos 40 anos da Imprensa Oficial).

GARAY, L. (1998) A questão institucional da educação e as escolas: conceitos e reflexões. In: BUTELMAN, I. (org). **Pensando as instituições: teorias e práticas em educação**. Porto Alegre: Artmed, p. 109-136.

GATTI JR, Décio. Reflexões teóricas sobre história das instituições educacionais. **Revista Ícone**, Uberlândia: Centro Universitário do Triângulo, n. 6, p. 131-147, 2000.

_____. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: Décio Gatti Júnior; José Carlos Souza Araújo. (Org.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. 1 ed. Campinas/Uberlândia: Autores Associados/EDUFU, 2002, p. 3-24.

GATTI JR, Décio & PESSANHA, Eurize Caldas. História da Educação, Instituições e Cultura Escolar: conceitos, categorias e materiais históricos. In: Décio Gatti Júnior; Geraldo Inácio Filho. (Org.). **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. 1 ed. Campinas/SP; Uberlândia/MG: Autores Associados; Edufu, 2005, v., p. 71-90.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GIRON, Loraine Slomp. Da memória nasce a história. In: LENSKIJ, Tatiana & HELFER, Nadir Emma (orgs.). **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000, p. 74-90.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Disciplina, ordem social e educação na Imprensa de Uberabinha (MG), 1907-1920. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz & PATRIOTA, Rosângela (orgs.). **Histórias e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EdUFU, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INACIO FILHO, Geraldo & GATTI, Giseli Cristina Do Vale. História e representações sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950). **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 18, n. Especial, 2004, p. 69-104.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A Monografia nos cursos de graduação**. 3 ed. Uberlândia: EdUFU, 2003.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Cortez, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE GOFF, Jacques, (1924). **História e memória**; tradução Bernardo Leitão. 3 ed. Campinas, EdUNICAMP, 1994.

LEROY, Nêmia Maria Inez Pereira. **O gatopardismo na educação, reformar para não mudar**: o caso de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

MACEDO, U. B. **Liberalismo e Justiça Social**. São Paulo: IBRASA, 1995.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (Orgs.). **Para a História do Ensino Liceal em Portugal**. Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Universidade do Minho, Braga, 1999, p. 63-78.

_____. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, J. L., SAVIANI, D. & LOMBARDI, J. C. (orgs). **História da Educação**: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999, p. 67-72.

_____. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, C. P. de & CATANI, D. B. (orgs). **Práticas Educativas, culturas, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998, p. 51-69.

_____. **Tecendo Nexos; história das Instituições Educativas**. Bragança Paulista: EdUSF, 2004.

MANACORDA, M. A. (1999). **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias; Tradução de Gaetano Lo Mônaco. 7 ed. São Paulo: Cortez.

MANFREDI, Sílvia. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MANHEIM, K. & STEWART, W. A. C. (1978). O subgrupo de ensino. In: PEREIRA, L. & FORACCHI, M. M. (orgs). **Educação e Sociedade**: leituras de sociologia da educação. 9 ed São Paulo: Nacional, p. 129-137.

MARCONI, M. de A. & LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARTINEZ, Silvia Alicia & BOYNARD, Maria Amélia de A. Pinto. Memórias de 1955: O (re)nascer do Instituto de Educação de Campos. In: GANTOS, Marcelo (Org). **Campos em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Papel Virtual; UENF, 2004.

MAUAD, A. M. Fotografia e história, possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M. ALVES, N (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MÁXIMO, Círian Gouveia. Imprensa e ensino profissional em Uberlândia: Uma análise dos discursos jornalísticos (1936-1947). **Cadernos de Educação Escolar**, Uberlândia, Ano I, nº 1, janeiro/junho, 2000, p.10.

MÁXIMO, Círian Gouveia e CARVALHO, Carlos Henrique. Da ordem educacional ao progresso social: a concepção de educação veiculada pela imprensa (Uberlândia – MG – 1920-1945). In: **História da educação em Minas Gerais**. LOPES, Ana Amélia et al. (Orgs). Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 374-385.

MENDES, G. F. et alii (2000). Emblemas, ritos e discursos: a construção de uma instituição. In: LEMOS, M. T. T. B. & MORAES, N. A. de (orgs). **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 23-29.

MENDONÇA, José. **A Imprensa** de Belo Horizonte na Fase Revolucionária (1925-1937). In: **VI Seminário de Estudos Mineiros**. A Revolução de 1930. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MINAS GERAIS. **Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Oficina Gráficas da Imprensa Oficial, 1927.

_____. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes de 1928**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1929.

_____. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes de 1929**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1930.

_____. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes de 1930**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1930.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e a República**. Rio de Janeiro: INEP/Imprensa Nacional, 1942, v. 6.

MOURÃO, Paulo Krüger Correa. **O ensino em Minas Gerais no tempo da República (1889-1930)**. Belo Horizonte, Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1962.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 2 ed. São Paulo: EPU/Rio de Janeiro: FENME, 2001.

NASCIMENTO, T. A. Q. R. do & BENCOSTA, M. L. A. O estudo da história de instituições educativas e o conhecimento da história social de uma região. Comunicação ao GT de História da Educação. **22ª. Reunião Anual da ANPED**, 26 a 30 de set., Caxambu –MG, 1999.

NOSELLA, P. & BUFFA, E. **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos: EdUFSCar, 1996.

NÓVOA, A. Para uma análise das instituições escolares. In: **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 15-43.

ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e Indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PAIM, Antônio. **História do Liberalismo Brasileiro**. São Paulo: Mandarim, 1998.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos: Contribuição à História da Educação Brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1973.

PEIXOTO, Anamaria Casasanta. **Educação no Brasil Anos Vinte**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

_____. A revolução de 30 e seus Reflexos na Educação Brasileira. In: **VI Seminário de Estudos Mineiros**. A Revolução de 1930. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.

PEREIRA, L. & FORACCHI, M. M. (orgs). Estudo sociológico da Escola In: **Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação**. 9ed. São Paulo: Nacional, p. 101-103.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

PETITAT, A. **Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1981.

RAMOS, Lucélia Carlos. **Uma história da educação feminina em Uberlândia: cotidiano e as representações sociais do Colégio N. S. das Lágrimas (1930-1940)**. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Uberlândia, 2003. Dissertação (Mestrado).

REIS, José Carlos. Os Annales: A Renovação Teórico-Metodológica e “Utópica” da História pela Reconstrução do Tempo Histórico. In: SAVIANI, Demerval et alli. **História e história da educação**. 2 ed. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

RIBEIRO, MARIA LUISA S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 2 ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

RODRIGUES, Herve Salgado. **Na Taba dos Goytacazes**. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930 – 1973)**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1979.

SAMUEL, R. Teatros de memória. **Projeto História**, São Paulo (14), fevereiro/1997. p. 41-81.

SANFELICE, J. L. História das Instituições Escolares: apontamentos preliminares. **Revista HISTEDBR** on line, n. 8, out. 2002. Consultado em 05/04/2004.

SANTANA, Graciane Gomes. **O SENAC de Uberlândia, MG (1954-1974): entre práticas e representações sociais..** Faculdade de Educação. Universidade Federal de Uberlândia, 2007. Dissertação (Mestrado).

SAVIANI, Demerval. Instituições Escolares: Conceito, História, Historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação** (Uberlândia), v. 4, p. 27-34, 2005.

SCHAFF, Adam. **História e Verdade.** Trad. Maria Paula Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Angela Maria; PINHEIRO, Maria Salete de; FRANÇA, Maira Nani. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses.** 5. ed. rev. e ampl. Uberlândia: EdUFU, 2006.

SILVA, Antônio Pereira da. **As histórias de Uberlândia.** Uberlândia, 2003, vol. 3.

SOUZA, Rosa de Fátima de. **Templos de civilização: A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910).** São Paulo: EdUnesp, 1998.

TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central.** História da Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia, 1970, vol. 1 e 2.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Flávio César Freitas. **Profissionalização Docente e Legislação Educacional: Uberabinha (1892-1930).** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação, 2003. (Dissertação de Mestrado).

XAVIER, Maria Elizabete S. P. **Capitalismo e Escola no Brasil.** Campinas. Papirus, 1990.

WARDE, Mirian Jorge. **Contribuição da história da Educação.** Vol. 9, n. 47, p. 3-11, Brasília. Jul.-set.1990

WIRTH, John.D. **O fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira;** trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ZNANIECKI, F. (1978). A escola como grupo constituído. In: PEREIRA, L. & FORACCHI, M. M. (orgs). **Educação e Sociedade:** leituras de sociologia da educação. 9ed. São Paulo: Nacional, p. 104-106.